

Este número da Revista *Abril* tem como tema os conceitos de Memória e de Pós-Memória, iluminados pelo trabalho artístico de Ana Vidigal, “Penélope”, que constitui a capa deste número. “Penélope” é uma colcha feita de aerogramas que o pai da artista enviou à sua mãe em tempos de Guerra Colonial e oferecida pela filha a sua mãe, partilhando esta memória privada pelo gesto de autor que em si o objeto realiza. O nosso profundo agradecimento a Ana Vidigal por assim, abrir os textos que compõem este número da revista.

Em si, este número da Revista *Abril* busca investigar a forma como tais conceitos se presentificam na literatura de Portugal e dos cinco países africanos de língua oficial portuguesa. Ao propormos tal aproximação, buscamos não apenas dar destaque à análise de obras que, dentro de um modelo mais canônico, se enquadrariam naquilo que poderíamos chamar de gênero memorialístico, mas - e sobretudo - enfatizar as complexas relações que se estabelecem entre o texto literário e as atitudes fundamentais de lembrar e esquecer, relações ainda mais vivas quando percebidas em um viés que busca nas narrativas acerca da repressão e do trauma o seu espaço de manifestação.

Nesse sentido, poderíamos afirmar que os artigos aqui reunidos compõem dois grupos distintos e suplementares; no primeiro deles, o leitor encontrará ensaios que, de forma ampla, partem de uma perspectiva teórico-crítica em que as referências fundamentais são a repressão imposta pelo Estado Novo e os traumas advindos da Guerra Colonial (ou de Libertação, para países africanos). O conceito de pós-memória é convocado para possibilitar a análise da permanência de aporias e angústias na percepção que uma segunda geração tem dos “tempos de chumbo”. A esse grupo, do qual fazem parte os três primeiros textos, se segue um conjunto de artigos que se propõe a analisar de forma mais detida obras e autores específicos. Assim, elabora-se uma espécie de mural a partir do qual se pode perceber tanto a ainda presente importância da reflexão acerca dos limites e fronteiras da memória quanto a necessidade de se discutir as categorias discursivas e analíticas de textos que tomam a memória, ou a pós-memória, como seu objeto. O testemunho e o diário, por exemplo, seja como gêneros narrati-

vos específicos, seja como procedimentos discursivos, são aqui relidos com o intuito de apontar para a urgência de se perceber que, se por um lado é fundamental recorrer a memória como forma de enfrentamento e problematização do percurso político e histórico desses países, por outro não nos podemos furtar a compreender a escrita como um espaço privilegiado para a constituição de uma memória literária, na qual um texto inevitavelmente *diz com* o outro que o antecede, tecendo, nesse diálogo, possibilidades de leitura que ampliam sua significação.

Assim, encontramos a abrir esse número um artigo de Roberto Vecchi, intitulado “Legados das memórias da guerra colonial: algumas reflexões conceituais sobre a transmissão intergeracional do trauma”, em que o pesquisador da Universidade de Bolonha, a partir da referência ao projeto de pesquisa “Os filhos da Guerra Colonial: pós-memória e representação”, desenvolvido no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, propõe um sintético, mas significativo, estudo do conceito de pós-memória. Tomando o termo ao seu uso inicial por Marianne Hirsch, em *Family Frames* (1997), em que se aborda essa categoria, sobretudo, como instrumento de análise da transmissão de memória a uma segunda geração, Vecchi busca situar os acréscimos trazidos ao conceito por trabalhos posteriores, para perceber o quanto a pós-memória, em suas próprias palavras, “(...) induz uma reflexão sobre as formas de memória que não se prestam a uma elementar dicotomia entre titulares da experiência ou da vivência e os seus filhos (...)”. Dando continuidade a essa discussão de fundo teórico, o leitor encontrará o artigo “Os netos que Salazar não teve: guerra colonial e memória de segunda geração”, em que António de Sousa Ribeiro e Margarida Calafate Ribeiro apontam para o silenciamento gerado pela experiência da guerra colonial na sociedade portuguesa – não apenas naqueles homens que dela retornaram derrotados, mas também naquelas mulheres que, mães ou esposas, vivenciaram as angústias referentes à perda e ao afastamento em sua dimensão pessoal e privada – e buscam delinear uma segunda geração, a dos “Filhos da Guerra”, que, também sofrendo as consequências do trauma e da perda, tentará contraturalizar no espaço público o diálogo possível com uma memória que, sendo alheia, invade a sua, através da vida familiar, para nela vincar sua presença. A fechar esse grupo de artigos o leitor encontrará uma generosa contribuição de Diana Andringa. Diana, jornalista e realizadora, com um invejável currículo composto por importantes documentários, é também responsável por estabelecer, por meio de seus filmes, um retrato singular da guerra e das contradições que cercaram o fim do período salazarista em Portugal. Seu artigo tem como objeto a história de um militante anti-fascista que, preso e torturado pela polícia política do Estado Novo, cede à tortura, fornecendo provas contra si mesmo e entregando seus parceiros. É um artigo que, mesmo fugindo às características de um discurso mais acadêmico, está, no entanto, concretamente relacionado à investigação da memória e do testemunho e nos remete de forma objetiva à violência e ao trauma como

fatores determinantes para a relação do indivíduo e da sociedade com os processos de recuperação memorialística de períodos de exceção.

Tendo como ponto de partida, portanto, essa tríade, o número se abre à análise mais específica de obras e autores com um artigo de Benjamin Abdala Jr., intitulado “Memórias de uma geração da utopia, ou da esperança como princípio”, em que o pesquisador paulista, sob o pretexto de focar um dos mais significativos romances angolanos a tematizar a recuperação do passado de toda uma geração, atravessa a obra de Pepetela, pontuando aspectos políticos e literários nela presentes. A ele se seguem dois ensaios em que, sob égide da metodologia comparatista, Fabrice Schurmans e Karina Marques estabelecem relações entre textos literários que fundam a memória e o esquecimento como instrumentos para questionar a historiografia. Schurmans aproxima *A Revolta da Casa dos Ídolos*, também de Pepetela, a *La tragédie du roi Christophe*, de Aimé Césaire, recorrendo a pensadores judeus como Benjamin, Rosenzweig e Scholem para discutir os conceitos acima identificados em sua relação com o literário. Karina Marques, por sua vez, propõe uma comparação entre textos de Ilse Losa e de Samuel Rawet para, através dela, discutir a imagem do refugiado em Portugal e no Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial.

A seguir, em movimento mais concentrado, o artigo de Maria Graciete Besse se debruçará sobre a obra de Lídia Jorge para, nela, discutir a produtividade de conceitos como memória e empoderamento e a forma como a autora de *A costa dos murmúrios* se apropria desses conceitos para analisar o patriarcalismo ainda presente na sociedade portuguesa. A pesquisadora radicada na França, há muito referência no estudo do neo-realismo e da narrativa contemporânea portuguesa, responsável por leituras analíticas que não se furtam a ultrapassar os limites daquilo que o cânone estabelece como lugar comum, como por exemplo na significativa investigação que desenvolve em *Os limites da alteridade na ficção de Olga Gonçalves* (2000), destaca, na obra de Lidia Jorge, a reconfiguração de uma “consciência crítica com fortes implicações axiológicas”, responsável por abrir seus textos a novos espaços de significação e a importantes linhas de análise da sociedade portuguesa de hoje.

Adiante, encontram-se três artigos que discutem a implicação entre poesia e memória. Dessa forma, cabe a Otávio Henrique Meloni, em “Intertextualidade e memória literária: a leitura como prática de memória em Rui Knopfli”, investigar a poesia do autor moçambicano para nela destacar o papel que as memórias literárias assumem em seu universo poético e a importância da leitura como um local de pertença que se irá sobrepor, em seus textos, a vínculos territoriais. Leonardo de Barros Sasaki e Deyse dos Santos Moreira tomarão por objeto os poemas de, respectivamente, Al Berto e Luís Quintais, apontando para o jogo autobiográfico e a metalinguagem como instrumentos de inserção do sujeito na recuperação do jogo entre linguagem e memória.

A completar o quadro, seguimos da poesia à prosa de narrativa, com um conjunto de ensaios que tomam autores do século XX como objetos incontornáveis de leitura, passando pela dramaturgia do são-tomense Fernando de Macedo. Assim, desenha-se um painel que vai de Mário de Sá-Carneiro a José Saramago, de Luandino Vieira a Pepetela, a partir do qual somos levados a dialogar com o pensamento de Aleida Assmann e a perceber que, para além da constituição da memória do indivíduo, é fundamental perceber a importância do ato de recordar para as diversas culturas e para a constituição de traços de identificação que concedem ao grupo a sensação de pertencimento. Lembrar é um ato de recuperação e de reavaliação, que pressupõe a possibilidade de interlocução crítica com o passado. Lembramos para não esquecer; como indivíduos e como sociedade, ainda que o esquecimento seja a outra face da moeda a que chamamos memória. Lembramos para não errar de novo, para impedir que a opressão e a violência tornem a se manifestar de forma avassaladora e insidiosa.

E é também porque lembramos dos afetos e da amizade, que gostaríamos de destacar o texto a encerrar esse dossiê, antes da instigante resenha de Gisele Giandoni Wolkoff sobre o livro de poemas *Vozes*, de Ana Luísa Amaral. Trata-se de artigo escrito por Robson Dutra e intitulado “Sob o signo de saturno: traumas e memórias da guerra colonial”. Robson, e aqui o uso apenas de seu primeiro nome é intencional, faleceu há poucos meses, encerrando de forma abrupta uma carreira que começava a colher consideráveis frutos, como a publicação de sua tese de doutoramento sobre Pepetela pela União dos Escritores Angolanos e a divulgação de suas pesquisas em inúmeros artigos publicados por periódicos de referência. A publicação desse texto, em que analisa o romance *A última tragédia*, de Abdulai Sila, se é ainda uma forma de retornarmos ao mote da Guerra Colonial / de Libertação com que iniciamos a organização do número, tem principalmente o caráter de homenagem ao nosso colega. É a memória de sua voz, sempre presente a reforçar a presença das literaturas africanas de língua portuguesa em nossas lembranças e a sinalizar a importância do compromisso ético que funda a nossa atuação como pesquisadores dessas literaturas.

*Niterói, 26 de novembro de 2013*

*Silvio Renato Jorge*

*Margarida Calafate Ribeiro*